

# AS NOVAS FORMAS DE NARRATIVAS ENCONTRADAS NO BLOG

*Patrícia Margarida Farias Coelho\**  
*Marcos Rogério Martins Costa\*\**

Recebido em: 15 set. 2011    Aprovado em: out. 2011

\*Pós-doutoranda no Programa de Pós-graduação em Tecnologias da Inteligência e Design Digital da PUC-SP, São Paulo, Brasil. Bolsista FAPESP. E-mail: patriciafariascoelho@gmail.com

\*\*Graduando em Linguística/Português na FFLCH/ USP, São Paulo, Brasil. Bolsista CNPq. E-mail: marcosrmcosta15@gmail.com

Resumo: Com a propagação das redes sociais e a expansão do compartilhamento de dados, a internet tornou-se, no século XX, o veículo de informação que mais se desenvolveu em nossa sociedade, mudando costumes, criando culturas e inovando nossa forma de pensar. Dessa disseminação digital, nasceram, em agosto de 1999, os *blogs*, por meio da utilização do *software Blogger*, criado pela empresa do norte-americano Evan Williams. O objeto de nosso estudo são os novos tipos de narrativas que começaram a surgir a partir desse novo suporte. Os *blogs* atribuíram ao usuário ferramentas interativas, permitindo um panorama de criação diferente dos suportes tradicionais, como o papel. Pretendemos investigar as estruturas desse suporte midiático, como se realizam e se sustentam as narrativas nele. Para isso, utilizaremos o instrumental oferecido pela Semiótica de linha francesa (GREIMAS; COURTÉS, 2008), que permite depreender do texto verbal ou não-verbal os sistemas de valores e os elementos constitutivos que alicerçam os efeitos de sentido. Os resultados dessa análise semiótica das estruturas narrativas evidenciaram que os *blogs* diferenciam-se das narrativas tradicionais, porque esses são abertos e dinâmicos, possibilitando a inserção e intervenção, *a priori*, não controlada de outros destinadores que se tornam, assim, co-autores daquele texto.

Palavras-chave: *Blogs*. Novas formas de narrativa. Comunicação digital

## **NEW FORMS OF NARRATIVE FOUND IN BLOGS**

**Abstract:** With the spreading of social networks and the expansion of data sharing, the Internet has become, in the twentieth century, the most developed vehicle for information in our society, changing customs, creating cultures and innovating our way of thinking. From this digital dissemination, the blogs are born in August 1999, through the utilization of the software Blogger, created by the company of the North American Evan Williams. The object of our study are the new types of narratives that began to emerge from this new support. The blogs attributed to the user interactive tools, allowing the creation of a landscape different from the traditional media like paper. We intend to investigate the structures of this media support, how it performs and if it sustains the narrative. For this, we will utilize the instruments offered by the French Line Semiotics (GREIMAS; COURTÉS, 2008), which enables us to conclude from the verbal or nonverbal text the systems of values and the constitutive elements which underpin the effects of sense. The results of this semiotic analysis of the narrative structures showed that blogs differ from traditional narratives, because they are open and dynamic, allowing the not controlled insertion and intervention from other addressers, which become thus the co-authors of that text.

**Key words:** Blog. New forms of narrative. Digital communication.

## 1 INTRODUÇÃO

Com os avanços da internet surgiram as plataformas virtuais nomeadas *redes sociais* da internet. Santaella (2010, p. 272) comenta:

[...] que o conceito de redes sociais é mais amplo do que rede sociais na web, pois podem existir redes sociais fora da web. Entretanto, a internet incrementou grandemente as possibilidades de formação, desenvolvimento e multiplicação de redes sociais. A característica principal dessas redes de interação incessante está na dinamicidade e na emergência, adaptação e auto-organização que são próprias dos sistemas complexos e que se expressam, no caso, em comportamentos coletivos descentralizados.

As redes sociais alteraram a forma das pessoas se relacionarem e pensarem, fazendo com que essas se (re)organizassem e formassem comunidades cibernéticas. Santaella (2010, p. 261) ainda afirma que “ninguém pode mais duvidar de que estamos vivendo em plena efervescência de um novo paradigma de formação sociocultural que vem recebendo tanto o nome de cultura digital quanto de cibercultura”. Verifica-se que esses novos meios de comunicação oferecem a seus usuários a possibilidade de comunicação imediata e de resposta em tempo real. Desse modo, tanto os estudiosos do discurso e da semiótica, quanto os da comunicação devem debruçar-se sobre essa nova forma midiática. Como ressaltado pela estudiosa, há um caráter interdisciplinar nas redes sociais que também não pode escapar da análise.

Portanto, o objetivo principal deste estudo é compreender uma dessas redes sociais, o *blog*, a partir de uma perspectiva metodológica interdisciplinar, que se ancorará nos estudos do discurso, da semiótica greimasiana e da comunicação digital. A escolha desta plataforma,

especificamente, deve-se ao objetivo de buscar compreender as novas possibilidades de narrativas que surgiram a partir do *blog*.

Os *blogs* surgiram em agosto de 1999, através do *software Blogger*, da empresa do norte-americano Evan Williams. Eles possibilitaram o aparecimento de um novo tipo de narrativa que se diferencia das narrativas padrões lineares e sequenciais. Posto que o *blog* apresenta-se como uma ferramenta interativa que se caracteriza como um tipo de narrativa aberta e dinâmica, permitindo a intervenção *não controlada* de outras pessoas. Estes novos interlocutores, ou interatores, segundo a terminologia de Murray (2003), *a priori*, não faziam parte da estrutura narrativa, mas, possivelmente, estavam pressupostos pela estrutura do suporte, visto que este atribui ferramentas para a inserção daqueles.

Cerca de 900 mil *blogs*, a cada 24 horas, recebem novas postagens no mundo todo, em dezenas de idiomas (LEAL, 2008). Fotos, vídeos, quadrinhos e várias outras formas de texto foram inseridos nesse suporte midiático. Os *blogs* podem ser desde simples diários virtuais com relatos cotidianos, até ferramentas de grande poder publicitário, dependendo de seu número de acessos. Atualmente, há mais de 133 milhões de *blogs* no mundo (LEAL, 2008). A facilidade de manuseio das ferramentas de criação desse suporte foi fundamental para a propagação desse. Graças a essa difusão, houve a publicação de uma vasta quantidade de conteúdos e, como dito, de variadas formas e gêneros textuais. Os *blogs* não se tornaram apenas mais numerosos, mas modificaram o universo digital, galgando influência nas mais variadas áreas.

Desse modo, esse novo espaço digital atraiu a atenção dos publicitários e dos grandes empreendedores. O *blog* tornou-se ferramenta publicitária. Desde então, os principais *blogs*, nacionais e internacionais,

formaram equipes especializadas na criação de conteúdo. Uma nova profissão foi criada: o *blogueiro*, especialista em criação e difusão de *blogs*. Se, de um lado, essa profissão ganha contornos e até cursos técnicos, de outro, amadores têm se tornado profissionais e postado compulsivamente para manter-se no mercado (concorrido como qualquer outro). Por essa diversidade na formação dos *blogueiros*, temos um contingente variado de *blogs* que podem ou não ter vida longa na rede.

Nesse contingente tão vasto, como distinguir, dentre os milhões de *blogs*, as estruturas narrativas que têm sido mais usadas? Para responder essa questão, utilizamos uma pesquisa realizada pela revista ÉPOCA, em 2008, que solicitou aos 25 principais *blogueiros* brasileiros naquele momento, que indicassem os 14 *blogs* preferidos, e, agregou à opinião desses, indicações de especialistas da própria redação. Assim, foram reunidas duas centenas de *blogs*, que foram novamente selecionadas segundo os critérios de atração e votação dos pareceristas da redação. Ficaram 50 *blogs* brasileiros, 20 internacionais e 10 promovidos pela própria redação, totalizando 80 *blogs*. É importante ressaltar que o objetivo dessa pesquisa não era fazer um ranking dos melhores. O intuito era montar um guia de navegação pela *blogosfera*, por isso os *blogs* foram dispostos em ordem alfabética e separados em categorias, a saber: Ciências e tecnologias, Comportamento, Cultura, Variedades, Política e Época. Para cada *blog* selecionado, há um resumo de seu diferencial em relação aos outros (“do que é imperdível”) e um trecho da opinião dos próprios *blogueiros* sobre esse.

Fomentados por essa pesquisa, selecionamos dois *blogs* nela indicados, *Papel Pop* ([www.papelpop.com](http://www.papelpop.com)) e *Kibe Loco* ([www.kibeloco.com.br](http://www.kibeloco.com.br)), para efetuar uma análise semiótica panorâmica das estruturas narrativas desses dois suportes. Salientamos que o primeiro está

classificado duplamente, segundo os parâmetros da pesquisa *Época*, visto que esse se enquadra tanto na categoria *Comportamento*, quanto *Cultura*; enquanto que o segundo somente na categoria *Cultura*. Dessa forma, buscar-se-á investigar os matizes que cobrem essa nova forma de narrativa que se encontra imersa nesse novo suporte digital que desperta cada vez mais a atenção dos publicitários.

## **2 A NARRATIVA E SEUS ELEMENTOS CONSTITUTIVOS**

As narrativas sempre fizeram parte da vida das pessoas e é através delas que as relações humanas se estabeleceram. Pode-se dizer que a linguagem se estrutura em forma de narrativas e que estas, assim como afirmou Greimas (1973), são articulações do imaginário humano. Portanto, conforme a humanidade evolui, as formas de narrativas também evoluem. Buscar-se-á, nessa seção, explicitar as distintas visões sobre narrativa pelo prisma de diferentes estudiosos, que, assim como nós, debruçaram-se sobre esse tema.

Os primeiros estudos narratológicos remontam à Poética aristotélica, em 335 a.C., no qual, Aristóteles define que toda narrativa deve ter pelo menos três partes: começo, meio e fim. O estagerita ainda diz que se uma dessas partes sair de ordem ou for suprimida, a noção de totalidade será corrompida e, desse modo, não haverá boas fábulas (ARISTÓTELES, 1992). No entanto, se transpusermos esta noção aristotélica para o hipertexto, perceberemos que esse infringe a totalidade requerida pelo estagerita; uma vez que, no hipertexto, pode haver mais de um começo ou não ter qualquer final determinado. Isso ocorre porque o hipertexto oferece uma leitura multilinear, ou seja, o leitor-destinatário pode perscrutar diferentes teias

interpretativas no mesmo enunciado, visto que este é sincrético e multiforme.

No entanto, o estagerita, segundo Eco (1989), elucida elementos fundamentais para se depreender uma estrutura narrativa. Posto “que é possível encontrar uma estrutura narrativa em qualquer texto, inclusive em textos que aparentemente não são narrativos” (ECO, 1989, p. 34), pois, de acordo com o semioticista italiano, “os requisitos fundamentais para caracterizar a narrativa são os propostos por Aristóteles: um agente, um estado inicial, uma série de transformações e um resultado final” (p. 34).

Observando esses quatro elementos aristotélicos, os quais reformulamos para adequá-los a esse novo suporte, o hipertexto, em especial, o promovido pelo suporte *blog*, temos uma estrutura narrativa composta de quatro pilares fundamentais, a saber: (i) agentes do discurso intercambiáveis (Eu-Tu), (ii) um estado *padrão* (enunciado de estado), (iii) uma série de transformações (enunciados de ação) e (iv) um resultado (efeito de sentido).

Se olharmos para outro estudioso do texto, veremos que também há reformulações no modo de apreender as estruturas narrativas. Na Rússia do século XIX, Propp (1983) buscou, através do estudo dos contos maravilhosos, provar que esses apresentam uma estrutura narrativa que se repetia. Seu objetivo era, pois, determinar a estrutura da narrativa, e ele a definiu como um conjunto fechado de relações internas que se estabelecem entre um número finito de unidades. Esse procedimento de análise das invariâncias das estruturas textuais foi imprescindível para o desenvolvimento de uma teoria que pudesse, como vimos com Aristóteles, cobrir as lacunas deixadas pelos estudos do discurso e reformular conceitos.

Propp transpôs os limites da frase, que era até então a unidade última para os linguistas, e para os métodos da linguística estrutural (BARTHES, 1971).

Greimas retomando os estudos de Propp afirma que “todo discurso é narrativo” (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 16), uma vez que há a existência de formas narrativas universais na linguagem humana. Para Aristóteles, Greimas e Eco toda narrativa é caracterizada por uma sucessão de transformações que desencadearão em um resultado, esse resultado não é propriamente uma conclusão da narrativa, como muitos intérpretes do texto afirmam, mas, sim, um efeito de sentido. Portanto, todo texto, entendendo texto como um todo de sentido; e toda narrativa, compreendida como um conjunto de relações internas e externas de unidades mínimas de sentido é uma forma de articulação do imaginário humano.

Por outro lado, a ideia do percurso gerativo de sentido, proposta por Greimas (2008), parte da constatação de que é preciso explicitar o fato de que o discurso é da ordem da estrutura e também do acontecimento. Por conseguinte, é necessário indicar tanto as invariantes, quanto descrever a variabilidade sócio-histórico-cultural que as reveste. Portanto, o modelo de narrativa que propomos, assim como Greimas, não é genético, mas gerativo, ou seja, busca ser simultaneamente preditivo e explicativo (FIORIN, 1999).

Esse modelo torna-se ainda mais plausível se recorrermos às reflexões de Godman (1981) e Ricoeur (1994), que introduzem a noção de narrativa desconectada de uma sequência temporal linear. O conceito de narrativa não linear é retomado por Murray (2003), que nomeia essa forma de narrativa como multissequencial ou narrativa multiforme. Isso porque Murray (2003) quer desfazer uma confusão terminológica, visto que alguns estudiosos confundem as *narrativas* multissequenciais com as não lineares, por acreditarem que o fato de não existir um formato linear convencional



signifique a ausência de uma narrativa, o que não ocorre necessariamente. Os textos podem ser não lineares e, ainda sim, constituírem uma narrativa.

A prova desse fato é o hipertexto que, geralmente, não tem nem começo e fim definidos e possui uma leitura multilinear que rompe a noção de totalidade aristotélica. Todos esses caracteres permitem uma ampla interatividade entre seus interatores, e o torna, inevitavelmente, um texto não-linear, mas que não perde sua estrutura narrativa, uma vez que os elementos que o constituem formam um sistema sígnico que é sustentado pela narratividade depreendida desses elementos.

Sobre o conceito de narrativa, Murray (2003) a define como um dos nossos mecanismos cognitivos primários para a compreensão do mundo. Sendo ela um dos mecanismos fundamentais pelos quais edificamos comunidades, desde a tribo agrupada em volta da fogueira até a comunidade cibernética reunida diante dos aparelhos midiáticos. Nós nos compreendemos mutuamente através das narrativas, desde as fofocas da vizinhança até os grandes feitos de Hércules e Odisseu, e muitas vezes vivemos atrelados à força ideológica que elas transmitem.

Se a narrativa é um mecanismo cognitivo primário, nos termos de Murray, ou uma articulação do imaginário humano, segundo Greimas, nas duas concepções de narrativa, percebemos que o fato do texto poder ser linear ou não linear, não extingue o traço de narratividade. Portanto, o *blog* pode ou não apresentar histórias encadeadas, ser linear ou não linear, que sua narratividade não será abalada.

Além disso, ressaltamos que se, para Marcuschi (2002, p. 5), “as produções ligadas à Internet são, fundamentalmente, baseadas na atividade de escrita”, dizemos que não é somente no verbal que as narrativas se constroem, mas, também, no não verbal (imagético, melódico, gestual etc.) e

no não dito (implicatura, pressuposto). Posto que as narrativas também podem se concretizar oralmente, imageticamente ou gestualmente, e, no universo digital, foco de nosso estudo, essa narratividade se expressa sincreticamente.

Sumariamente, o que conseguimos depreender desse diálogo com diferentes teóricos do discurso foram as seguintes considerações: (i) a narrativa é um elemento cognitivo primário da linguagem e como tal se constitui como um produtor gerativo de efeitos de sentidos (GREIMAS; COURTÉS, 2008; MURRAY, 2003); (ii) a narrativa se constitui a partir de quatro bases fundamentais, a saber: agentes do discurso intercambiáveis (Eu-Tu), um estado *padrão* (enunciado de estado), uma série de transformações (enunciados de ação) e um resultado (efeito de sentido) (ARISTÓTELES, 1992; ECO, 1989); e, por fim, (iii) a narrativa de um hipertexto, como o *blog*, é multissequencial, interativa, dinâmica e sincrética (MURRAY, 2003; RICOUER, 1994; GODMAN, 1981).

### 3 BLOGS: MULTIPLICIDADE E INTERATIVIDADE

De acordo Komesu (2005, p. 111), *blog* é uma abreviação do vocábulo *weblog* e sua tradução seria *arquivo de redes*. Além disso, a autora ressalta que:

os *blogs* surgiram em agosto de 1999 com a utilização do *software Blogger*, da empresa do norte-americano Evan Williams. O software fora concebido como alternativa popular para publicação de textos *online*, uma vez que a ferramenta dispensava o conhecimento especializado em computação. A facilidade para a edição, atualização e manutenção dos textos em rede foram – e são – os principais atributos para o sucesso e a difusão dessa chamada ferramenta de auto-expressão. A ferramenta permite, ainda, a convivência de múltiplas *semioses*, a exemplo de texto escritos, de imagens (fotos, desenhos, animações) e de som (músicas, principalmente). Atualmente, a maior parte dos provedores não cobra taxa para a hospedagem de um *blog*. No Brasil, a estimativa divulgada pelo grande imprensa em agosto de 2002 apontava para a cifra de 170.000 escreventes de *blogs*, considerando-se apenas os usuários que têm seus arquivos hospedados em dois *sites* brasileiros que oferecem o serviço.

Os *blogs* podem ser entendidos como diários digitais, no qual as pessoas relatam suas experiências por escrito e expõem suas ideias *online*, sejam elas de formas verbais, visuais ou sonoras. A plataforma permite ao usuário atualizar sua página com facilidade, além de permitir um tipo de interação que não era possível até então. Komesu (2005, p.113) explicita que “os *blogs* possuem características diferenciadas dos diários tradicionalmente escritos”, embora partam do mesmo conceito, no qual um indivíduo assume a voz para narrar acontecimentos particulares. Isso porque podemos considerar os *blogs* como espaços de discussão, onde as pessoas postam suas ideias/posições, em relação de acordo ou polêmica com outras

ideias/posições, em um ambiente público, no qual se *reflete uma aparente democracia*: todos possuem voz e vez.

Os textos dos *blogs* são narrativas criadas por um sujeito individual ou coletivo, que as utiliza para se comunicar, construindo uma experiência e (con)vivência narrativa com seu leitor-interator. A interação *blog-leitor* ocorre em um tempo e espaço *distintos do mundo real*, mas que *se dão em tempo real*, ou seja, o texto do *blog* constrói seu próprio tempo e espaço discursivo, porém sua interação com o leitor é simultânea, isto é, ocorre no mesmo tempo da leitura (codificação [texto] – decodificação [leitura] – codificação [memória]) e pode gerar um etapa de inserção/intervenção não prevista (codificação I [texto A] – decodificação I [leitura] – codificação II /decodificação II [memória] – codificação III [**inserção de um texto B ao texto A**]).

O universo digital possibilita essa interação em ato, por isso, não se pode afirmar que a narrativa apresenta-se pronta e concluída, visto que ela é aberta e dinâmica, possibilitando a introdução e intervenção não controlada de outras pessoas que, *a priori*, não faziam parte daquela estrutura textual. Ao ocorrer esse evento na narrativa, muitas vezes, o texto direciona-se para caminhos distintos, os quais não haviam sido pensados, a princípio, pelo *blogueiro*-destinador. Desse modo, o *blog* cria novas formas de narrativas, uma vez que sua construção interativa permite a interferência outros interatores a qualquer momento, o que atribui ao hipertexto essa dinamicidade, irrealizável no formato padrão de texto.

As narrativas encontradas no *blog*, embora apresentem um enunciado de estado, que é a *homepage*, caracterizam-se, primordialmente, por constituírem narrativas de *ação*, pois elas ocorrem através da *performance* dos usuários-leitores do *blog*. O desenvolvimento narrativo está

fundamentado na ação (codificação III) e na compreensão do usuário sobre o tema (decodificação I). É importante ressaltar que há uma escala de interatividade entre os *blogs*, que se apresentam mais interativos ou menos interativos, dependendo de seu criador-*blogueiro* e de seu público-alvo.

Portanto, os *blogs* apresentam um novo tipo de hipertexto, que constrói, a cada instante, uma nova teia narrativa em sua rede. Com as transformações digitais, verifica-se a emergência de novos estudos sobre o tema, independente de que linha teórica a sustente, pois cada uma delas, seja a semiótica, a análise do discurso, a linguística textual, seja a psicologia, a comunicação ou a antropologia etc., todas esses estudos têm muito a colaborar e, como solicitam Murray (2003) e Jenkins (2009), há uma urgência de se criar vocábulos próprios para definir a narrativa digital para assim tratar as inovações oriundas desse universo.

### **3 ANÁLISE DOS BLOGS PAPELPOP E KIBE LOCO**

À luz da semiótica discursiva, Fiorin (2009, p. 29, grifo do autor) comenta:

Os textos não são narrativas mínimas. Ao contrário, são narrativas complexas, em que uma série de enunciados de fazer e de ser (de estado) estão organizados hierarquicamente. Uma narrativa complexa estrutura-se numa sequência canônica, que compreende quatro fases: a manipulação, a competência, a *performance* e a sanção.

Seguindo essa sequência, Fiorin (2009) explica que, na fase da manipulação, um destinador age sobre um destinatário levando a querer e/ou dever fazer alguma coisa, e esta “coisa” se constitui como um objeto de

valor (Ov). Temos quatro tipos de manipulação: *tentação* (o manipulador propõe uma recompensa ao manipulado), *intimidação* (o manipulador obriga o manipulado a fazer através de ameaças), *sedução* (o manipulador leva a fazer manifestando um juízo positivo da competência do manipulado) e *provocação* (o manipulador impele o manipulado a fazer, exprimindo um juízo negativo das competências do manipulado). Abaixo apresentamos um quadro panorâmico dos dois blogs (Fig. 1. *Blog Papel Pop*; Fig. 2. *Blog Kibe Loco*), montado a partir das imagens recolhidas no dia 24/09/2011. Ressaltamos, em cada um desses quadros, as estruturas principais selecionadas para realizar a análise dessas quatro fases constitutivas da narrativa e os tipos de manipulação utilizados:



Fonte: Papel Pop. Disponível em: <[www.papelpop.com](http://www.papelpop.com)>, postagens>. Acesso em: 13 set. 2011.



Fonte: Kibe loco. Disponível em: <[www.kibeloco.com](http://www.kibeloco.com)>. Acesso em: 13 set. 2011.

Retomando o conceito de texto como um todo de sentido, formado por narrativas complexas, como explicitado por Fiorin (2009), depreendemos que ambos os *blogs* constituem narrativas complexas, formados por enunciados sincréticos (compostos de som, imagem e letra). Dessa forma, nossa análise pautará pela construção dos efeitos de sentido apreendidos, a partir dessas estruturas compostas.

O *blog Papel Pop* foi criado em 2006, pelo jornalista Phelipe Cruz, especialista em cultura pop e conteúdo jovem. Possui seis milhões de acessos a cada mês. Seu público-alvo é variado, mas constitui-se, basicamente, de pessoas na faixa etária de 15-35 anos, com nível de instrução intermediária e, geralmente, o gênero feminino possui maioria.

Todavia, em relação ao gênero masculino, o maior público é a comunidade GLS (Gays, Lésbicas e Simpatizantes).

O *blog* é segmentado em cinco seções, a saber: HOT, EU QUERO, POSTA VC, F.A.B (FASHION AND BOLD), TV Papel Pop. Na seção HOT, o foco é o conteúdo erótico, porém este é transmitido de forma bem humorada e caricata. Na seção EU QUERO, são postadas inovações tecnológicas, produtos de utilidade variada e informativos sobre novidades da web. Na seção POSTA VC, são indicações dos próprios leitores do *blog* que enviam *links* de outros *blogs*, ditos imperdíveis. A seção F.A.B., é um informativo referente ao universo da moda, mostrando os desfiles e os lançamentos de diversas grifes. Por fim, na sessão TV Papel Pop, temos uma coletânea de vídeos de natureza diversa, geralmente relacionados às celebridades e a situações engraçadas.

O *blog Kibe Loco* foi criado em abril de 2002 pelo publicitário carioca Antonio Pedro Tabet. A frequência diária de acessos passa dos 180 mil, o que propiciou ao sítio o título de melhor *blog*, no ano de 2007, na premiação promovida pela revista *Info Exame*. O foco do *blog* é o conteúdo humorístico, e, para isso, usam de dois fundamentais artifícios da linguagem: a ironia e o sarcasmo. Daí se depreende o subtítulo: “A verdade é ácida e o kibe é cru”. Por essa crítica bem humorada, o *blog* abarcou diferentes públicos, do jovem ao maduro, tanto homens quanto mulheres, ou seja, pela polêmica e pela quebra das estruturas sociais, através da abordagem carnavalesca (BAKHTIN, 1996), *o blog agrada gregos e troianos*.

Este *blog*, por se enquadrar dentre os ditos cem melhores *blogs* em recentes pesquisas (Technorati; Info Exame; Época), filiou-se a outras grandes redes sociais, entre elas, *Facebook*, *Orkut*, *Twitter* e *Youtube*, como



salientado na Fig. 2, o que aumentou ainda mais sua influência entre os vários usuários da rede.

Comparando os dois *blogs*, percebemos que suas abordagens, embora distintas no nível discursivo, emparelham-se no nível narrativo, uma vez que ambos procuram fazer seu destinatário-leitor tornar-se seguidor fiel. Todavia, o uso das estratégias de manipulação é diverso. Ora eles provocam, com imagens grotescas, como ilustrado pelo *Kibe loco*, no cotejo de Bruna Surfistinha e o personagem Cha-ka (a competência da beleza de uma das mais famosas meretrizes de luxo, *a priori*, desejada pelo público masculino, torna-se comparável à feiúra de um *proto-homo sapiens*) ou ainda, na apresentação dos erros ortográficos de placas recolhidas de todo o Brasil. Ora apresentando fatos que enobrecem as competências do leitor, que pode aproximar-se de seus ídolos ao ler suas intimidades, ou seja, ele é seduzido pelo objeto de valor: intimidade com as celebridades. Esta estratégia é a mais utilizada pelo *Papel Pop*, como podemos apreender no conteúdo recorrente das celebridades.

Na fase das competências, os dois *blogs* se distanciam em suas abordagens. Visto que enquanto o *Kibe loco* critica as competências dos ilustres famosos, com humor e ironia, humanizando aqueles em que o público, na maioria das vezes, endeusa, o *Papel Pop* faz o caminho inverso, este mostra humor, porém não escarnece, posto que seu objetivo é tornar o leitor mais próximo do mundo pop, que se constitui de famosos e celebridades, ou seja, não se pode desmoralizar o que sustenta seu discurso. Assim sendo, geralmente, as competências dos atores da narrativa são postas em xeque no *blog Kibe loco*, enquanto que, no *Papel Pop*, elas se sustentam.

Na fase da performance, na qual “ se dá a transformação (mudança de um estado a outro) central da narrativa” (FIORIN, 2009, p. 31), temos a

disjunção ou conjunção com um determinado Ov. No caso desses dois *blogs* e na maioria dos textos midiáticos das redes sociais, Ov é o mesmo: tornar o leitor um fiel seguidor. Tal Ov é difícil de angariar, visto que o internauta tem ao seu dispor uma gama imensa de opções. Além disso, sempre há duas ressalvas a se fazer no que diz respeito ao mundo digital: (I) o que está hoje *na moda*, poderá não estar amanhã e (II) uma escolha de um leitor-usuário, não exclui, necessariamente, as outras. Devido a esses percalços, há um esforço cada vez maior entre as diversas interfaces midiáticas para se modificarem, parecerem novas e surpreendentes, ou seja, a mutabilidade rege a construção textual desses enunciados sincréticos.

Dáí surge a questão sobre identidade do *blog*, pois se a transformação for demasiada, perde-se a identidade, mas se não há mudança, o público se esvai. A dinamicidade e a interatividade são *facas de dois gumes* no universo digital, exigindo a competência do saber e do poder de seus idealizadores (os *blogueiros*), que muitas vezes são controlados pelo dever da mutabilidade, em detrimento do querer desses. Simultaneamente, é essa interatividade que faz desse (hiper)texto, uma matéria viva, inconclusa e extremamente dialógica, poderíamos dizer, até, em última instância, polifônica (BAKHTIN, 1997).

Sendo assim, o que apreendemos, na comparação entre esses dois *blogs*, é que ambos constroem suas identidades a partir da forma de apresentação de suas postagens. O *Papel Pop* dispõe suas postagens de forma segmentada, cada seção tem seu tópico temático-figurativo próprio, isso atribui a seu público um direcionamento, que segue no topo da página horizontalmente. O *Kibe loco*, embora tenha quadros fixos (postagens-modelo que são recorrentes), expõe suas entradas de forma sequencial,

organizadas apenas por datas e títulos no topo das postagens, sendo a leitura dessas de cima para baixo, de forma vertical.

Além disso, o cunho comercial é tratado de maneira mais explícita no *Papel Pop* do que no *Kibe loco*. Enquanto, no primeiro, em todas as páginas há a presença constante de anúncios publicitários de seus patrocinadores, como, por exemplo, o site de compras e vendas *Submarino* e o evento internacional de música *Rock in Rio*; no segundo, não há essa constante chamada comercial. Essa característica também constrói o *éthos* do destinador, o primeiro ressalta seu vínculo comercial, o segundo escamoteia.

A última fase é sanção, nesta encontramos “a constatação de que a performance se realizou e, por conseguinte, o reconhecimento do sujeito que operou a transformação” (FIORIN, 2009, p. 31). Pelo contingente de acessos de ambos os *blogs* e seu reconhecimento pela pesquisa realizada pela revista *Época*, apreendemos que a sanção do público destes é positiva, ou seja, eufórica. Todavia, essa sanção se constrói diariamente e cada postagem permite uma sanção particular. Como já salientado, a mutabilidade é uma exigência no mundo digital e, de certa forma, um critério tão classificador, quanto excludente.

Sendo assim, com essa análise das fases de uma narrativa, à luz da teoria semiótica, a partir dos textos dos dois blogs em questão, chegamos às seguintes considerações: (A) na fase da manipulação, o *Papel Pop* prima pela sedução, já o *Kibe loco* pela provocação, entretanto, lembremos que esses tipos de manipulações não são únicos na narrativa desses *blogs*, na manifestação textual, pode ocorrer todos os quatro tipos, porém há uma relação de hierarquia entre eles; (B) na fase de competência, o *Kibe loco* questiona as competências dos atores da narrativa (as celebridades, os ditos

famosos), humanizando-os, enquanto que, no *Papel Pop*, as competências desses são sustentadas, apesar do humor implícito; (C) na fase da performance, os dois *blogs* almejam angariar o mesmo Ov: tornar o leitor um fiel seguidor, ou seja, eles desejam que o leitor, que está em disjunção com esse Ov, entre em conjunção com este, para que assim o *blog* continue na rede; (D) na fase da sanção, pela pesquisa da *Época* e pelo contingente de acessos, a sanção do público tem sido positiva para ambos, todavia, essa sanção pode mudar a qualquer momento, vista as exigências de mutabilidade e dinamicidade que regem a comunidade digital.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este estudo, depreendemos que a narrativa digital nos *blogs*, em específico nos analisados, *Papel Pop* e *Kibe loco*, é multi-dimensional e teoricamente infinita, pois sua gama de possibilidades de conexões é variável, vista a exigência de mutabilidade. E a interatividade é ilimitada, visto que o leitor constrói a narrativa na medida em que reage à leitura. Isso ocorre devido ao maior número de elementos na página (links, vídeos, propagandas etc.) que proporcionam possibilidades ilimitadas de leituras.

Salientamos ainda que o hipertexto questiona as noções aristotélicas de *começo* e *fim*, *sequência das partes* e *unidade*. Isso porque o hipertexto dispensa a linearidade, obrigatória no suporte papel, por exemplo. Por isso, foi pertinente nossa discussão dos elementos constitutivos de uma narrativa, na qual propomos uma reformulação de alguns parâmetros aristotélicos (Seção 1.).

Assim sendo, se compararmos a *narrativa impressa padrão* com o *hipertexto* chegaremos à conclusão de que, enquanto a primeira possui um

único começo e fim, uma leitura linear, uma noção de totalidade bem assentada e uma interatividade limitada; o segundo não tem um começo ou um final definido, sua leitura é multilinear, colocando em xeque a noção aristotélica de totalidade e tornando a interatividade ilimitada.

Por conseguinte, o mundo digital trouxe inovações, mas também exigências tanto para os leitores quanto para os autores. Uma dessas exigências é a mutabilidade requerida tanto pelo público, quanto pelos suportes midiáticos, que concorrem entre si. Como em qualquer outro mercado tem-se oferta, tem-se procura. Isso porque pertencemos a uma comunidade digital globalizada que progride a cada átimo de segundo, por isso é imprescindível que as narrativas também evoluam. Prova disso são os (hiper)textos dos *blogs* que, acompanhando a lei de Darwin, na qual os mais aptos sobrevivem, trazem novas formas de narrativa: as narrativas interativo-midiáticas, compostos digitais, que agremiam em sua estrutura todas as diretrizes de i-iv e se comportam, no nível da manifestação, semelhantemente às conclusões de A-D.

## REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. **Poética**. Trad. E. de Souza. São Paulo: Ars Poética, 1992.
- BAKHTIN, M. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Trad. Paulo Bezerra. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.
- \_\_\_\_\_. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento – O contexto de François Rabelais**. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1996.
- BARTHES, R. et al. **Análise estrutural da narrativa**. Petrópolis: Vozes, 1971.
- ECO, U. **Lector in fabula – a cooperação interpretativa nos textos narrativos**. São Paulo : Perspectiva, 1989.
- FIORIN, J. L. Sendas e Veredas da Semiótica Narrativa e Discursiva. **DELTA**, São Paulo, v.15, n.1, fev./jul. 1999. Disponível em: << [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-44501999000100009](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44501999000100009) >>. Acesso em: 24 set. 2011.
- \_\_\_\_\_. **Elementos de análise do discurso**. 14. ed. São Paulo: Contexto, 2009.
- GODMAN, N. Twisted tales; or, story, study and simphony. In: MITCHEL, W. J. T. (Org.). **On narrative**. Chicago: University of Chicago Press, 1981. p.99-116.
- GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. **Dicionário de semiótica**. São Paulo: Contexto, 2008.
- \_\_\_\_\_. **Semântica estrutural**. São Paulo: Cultrix, 1973.
- JENKINS, H. **Cultura da convergência**. Trad. Susana Alexandria. 2. ed. amp. e atual. São Paulo: Aleph, 2009.
- KOMESU, F. C. Blogs e as práticas de escrita sobre si na internet. In: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. (Orgs). **Hipertexto e gêneros digitais**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.
- LEAL, R. Os 80 blogs que você não pode perder. **Época**, São Paulo, 15 no. 2008. Disponível em: <<<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,EMI17282-15204,00-OS+>

BLOGS+QUE+VOCE+NAO+PODE+PERDER.html>>. Acesso em: 24 set. 2011.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In.: DIONÍSIO, A. et.al (Org.). **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna. 2002. p. 19-36.

MURRAY, J. H. **Hamlet no Holodeck**. O futuro da narrativa no ciberespaço. Trad. Elissa Khoury Daher e Marcelo Fernandez Cuzziol. São Paulo: Itáu Cultural; Unesp, 2003.

PROPP, V. Morfologia do conto. Trad. J. Ferreira e V. Oliveira. **Veja**, Lisboa, 1983 (Original publicado em 1928).

RICOEUR, P. **Tempo e narrativa**. Trad. C. M. César. Campinas: Papirus, 1994. (Original publicado em 1983).

SANTAELLA, L. **A ecologia pluralista da comunicação**: conectividade, mobilidade, ubiquidade. São Paulo: Paulus, 2010.